

Centro tem endereço novo e atendimento velho

Philio Terzakis
Da equipe do Correio

2 AGO 1996

Paulo de Araújo

O centro de saúde nº 11, da Expansão do Setor O, em Ceilândia, mudou de lugar, mas o atendimento continua o mesmo. Deficiente. Além de ser o único centro do setor, seus serviços se limitam à área de pediatria. Quem precisa de médico, tem que ir a outros centros ou ao Hospital Regional de Ceilândia, que fica do outro lado da cidade.

Apesar de não atender a maioria da população, as salas de espera no centro nº 11 estão sempre cheias. As mães chegam a esperar durante horas por uma consulta. Elas também não recebem atendimento no pré-natal ou no pós-parto.

“Já faz quase quatro horas que a gente está esperando”, reclamou Ana Maria Nunes Ramos, 24 anos, mãe de Paloma, que tem pouco mais de 20 dias. Ela e a irmã, Maria do Socorro, foram ontem ao Caic Anísio Teixeira — local provisório do centro nos próximos 12 meses — para marcar a primeira consulta dos bebês. Maria do Socorro é mãe de Júlio César, que ainda não completou um mês de vida.

Cicleide Alexandre dos Santos, 20 anos, só será mãe dentro de 15 dias. Ontem, ela foi apenas marcar a primeira consulta de Geisiane. Mas teve uma amostra do que a aguarda nos próximos meses. “Já estou acostumada a esperar por médicos porque já tenho uma filha de dois anos e oito meses”, afirma, resignada.

Mas a maioria dos moradores não está satisfeita com o atendimento médico da Expansão e resolveu reagir. Liderados pela Associação de Moradores, elaboraram um abaixo-assinado, com três mil assinaturas, pedindo a construção de uma unidade mista de saúde — um centro de saúde avançado, com capacidade para fazer pequenas cirurgias e atender emergências.

As deficiências no atendimento médico local colocaram a construção da unidade mista de saúde no quarto lugar, entre as prioridades eleitas pelo orçamento participativo. A unidade poderia aumentar a quantidade e a qualidade do atendimento.



As salas de espera do Centro nº 11 estão sempre cheias. As mães chegam a esperar durante horas por uma consulta e não recebem atendimento no pré-natal

PRIORIDADE

Os 45 mil moradores das cinco quadras da Expansão não são os únicos a procurar o centro. Isso é um agravante para a insuficiência dos serviços de saúde no setor.

A equipe de dez auxiliares de enfermagem, um agente de saúde, dois enfermeiros e três pediatras também atende crianças de lugares como Cidade Ocidental, Cocalzinho, Pirenópolis, Goiânia, Bahia

e Piauí, o que aumenta as dificuldades.

“Na verdade, o centro é procurado por até 110 mil pessoas”, informa Veridiano Custódio de Brito, presidente da Associação de Moradores da Expansão. São atendidas diariamente, entre as 7h e as 18h, uma média de 250 pessoas em cada turno. A distância do Hospital Regional de Ceilândia — que fica no começo da cidade — piora a situa-

ção, reconhece o administrador do hospital, Levi Duarte.

Ele entrou na luta pela unidade de saúde, junto com os moradores. “A população está pressionando porque o problema é grande”, afirma. Levi diz que, enquanto o novo centro não for construído, a equipe médica local vai tentar, pelo menos estender o atendimento às futuras e as recentes mães.

O prédio deverá ser construído na

QNO 17/18, na área onde hoje há um galpão comunitário abandonado. Fora as despesas com equipamento e pessoal, os custos das obras serão de R\$ 510 mil.

O antigo centro de saúde, entretanto, não será abandonado. Depois de passar por uma reforma, a ideia é transformá-lo em um centro de terapias não convencionais, como acupuntura, fitoterapia e homeopatia.